



Universidade: presente!

UFRGS
PROPESQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Determinantes de experiência social: diálogos entre interseccionalidade e visão subjetiva

Rafael Barcellos; Daniel Canavese

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem sua materialidade possível a partir de um recorte do conjunto de atividades desenvolvidas pelo projeto “A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT): estratégias de análise, avaliação e formação para o aprimoramento do Sistema Único de Saúde”.

OBJETIVO

O interesse, aqui, traduz-se em estudo qualitativo visando mapear quais as relações que os sujeitos constroem, subjetivamente, entre os marcadores sociais da diferença que constituem os diferentes corpos e que, conseqüentemente, condicionam suas experiências em sociedade de forma positiva ou negativa, e a (in)congruência de tais relações levantadas com o que é exposto nas proposições da literatura acerca da interseccionalidade.

MÉTODO

Utilizamos de entrevistas individuais semi-estruturadas (Minayo, 2006) com usuários/as e profissionais do SUS, ativistas de movimentos LGBTQs e gestores/as de saúde, as quais foram gravadas e transcritas para levantar dados posteriormente analisados de acordo com análise temática (Braun, Clarke, 2006). Evitando constranger as pessoas entrevistadas que podem não ter proximidade com (ou entendimento de) termos acadêmicos, optamos por construir uma pergunta específica para cada uma delas de acordo com as falas anteriores e os elementos trazidos por elas para questionar quais marcadores essas pessoas consideram que condicionam/influenciam mais a vida dos sujeitos, e como esses marcadores se relacionam produzindo novos e específicos condicionamentos. A análise das entrevistas está sendo produzida utilizando o software Nvivo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS PARCIAIS

Importantes falas da ex-Ministra-chefe da Secretaria de Políticas Públicas da Igualdade Racial do Brasil (SEPPIR), Luiza Bairos, nos apontam para a importância de considerarmos o marcador racial como central no debate sobre as desigualdades sociais no Brasil (2006). Similarmente, Carla Akotirene (2018) no indica uma mirada analítica pautada na interseccionalidade, que consiste em “uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí”. Tal estudo surge a partir dos pensamentos da jurista Kimberlé Crenshaw (2002), propondo a necessidade de compreendermos que as interações entre dois ou mais eixos de subordinação geram consequências estruturais.

Os resultados, apresentados a seguir, foram obtidos a partir da realização de cinco entrevistas e suas transcrições. Analisamos duas entrevistas que indicaram, principalmente, que os marcadores raça/cor (em caso de pessoas não brancas, com ênfase nas negras) e identidades de gênero trans serão os maiores determinantes de situações de violência provocadas pelo estigma ou preconceito, seguido pelos marcadores de orientação sexual e de classe. O marcador racial foi entendido, em ambas as entrevistas analisadas, como um determinante agravador quando combinado com as opressões causadas pelos outros marcadores, corroborando com as proposições da perspectiva interseccional.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. Qual Res Psychol. 2006; 3 (2): 77-101. 2017.
CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, Estudos feministas 1, p.171-189, 2002.
DE SOUZA MINAYO, Maria C. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 2004.
BAIROS, Luiza. Assim falou Luiza Bairos. [Entrevista concedida a] Fernanda Pompeu. GELEDÉS. 20016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/assim-falou-luiza-bairros/>>. Acesso em 11 de agosto de 2019.